



## PESQUISAS INTITULADAS *ESTADO DA ARTE*: EM FOCO

## RESEARCH CALLED "STATE OF THE ART": IN FOCUS

## INVESTIGACIONES TITULADAS *ESTADO DEL ARTE*: EN FOCO

Norma Sandra de Almeida Ferreira<sup>1</sup>

**Resumo:** Neste texto, propomos que os estudos identificados como *estado da arte* vêm se constituindo como um campo de conhecimento próprio, tendo sido produzidos de forma vigorosa nas quatro últimas décadas do século XXI, em quantidade significativa, com diversidade de temáticas e áreas disciplinares, através de trabalhos realizados por diferentes pesquisadores de distintos grupos e instituições. Trazemos uma breve exposição e buscamos um diálogo com os pesquisadores do *estado da arte* sobre o objeto de estudo, as práticas investigativas e discursivas que caracterizam esse tipo de pesquisa.

**Palavras-chave:** Estado da arte. Estado do conhecimento. Pesquisa em Educação.

**Abstract:** In our research, we propose that the studies identified as “state of the art” have been constituted as a field of knowledge in itself, having been vigorously produced in the last four decades of the 21st century, in a significant amount, with a diversity of themes and disciplinary areas, through academic works carried out by different researchers from different groups and institutions. We present, in this text, a brief explanation and seek a dialogue with “state-of-the-art” researchers about the object of study, the investigative and discursive practices that characterize this type of research.

**Keywords:** State of the Art. State of the knowledge. Research in education.

**Resumen:** En nuestra investigación proponemos que los estudios identificados como “estado del arte” se hayan constituido como un área del de conocimiento en sí mismo, habiendo sido producidos con vigor en las últimas cuatro décadas del siglo XXI, en una cantidad significativa, con una diversidad de temas y áreas disciplinares, a través de trabajos académicos realizados por diferentes investigadores de diferentes grupos e instituciones. Presentamos, en este texto, una breve exposición y buscamos un diálogo con investigadores de “vanguardia” sobre el objeto de estudio, las prácticas investigativas y discursivas que caracterizan este tipo de investigaciones.

**Palabras-clave:** Estado del arte. Estado del conocimiento. Investigación en educación.

Submetido 19/02/2021

Aceito 24/08/2021

Publicado 25/08/2021

<sup>1</sup> Livre docência. Pós-doutora. Universidade Estadual de Campinas/Faculdade de Educação. ORCID <https://orcid.org/0000-0002-3078-2168>. E-mail: [normasandra@yahoo.com.br](mailto:normasandra@yahoo.com.br).

## Uma biblioteca e uma torre de Babel

Entre os belíssimos contos de Jorge Luís Borges, *A Biblioteca de Babel* inspira pela potência de sua linguagem metafórica ao desenhar o desejo humano de abarcar todo o conhecimento já produzido e a nossa incapacidade, quase impotência, em dominá-lo de todo. Pelo título, o leitor associa o conto à antiga narrativa bíblica sobre a construção da *Torre de Babel*, que de tão alta permitiria aos homens chegarem ao céu. No entanto, esse desejo foi frustrado por Deus, que puniu tamanha soberba destruindo a torre, espalhando os homens pela terra e confundindo as línguas faladas por eles. Um esforço hercúleo para alçar o inatingível e a questão da compreensão da/pela linguagem posta como determinante para a produção de algo coletivo.

No primeiro conto trata-se de descobrir a “chave” que permite a decifração de um acervo misterioso, composto de obras (não) publicadas, disperso em muitas línguas e até mesmo em algumas desconhecidas, demandando durante muito tempo várias e exaustivas tentativas daqueles que se dedicam a esta empreitada. No segundo, perde-se uma “chave” – língua comum entre os construtores da torre de Babel - o que lhes garantiria um entendimento coletivo e o acolhimento do outro na alteridade da linguagem. Em ambos, há desencontros, rupturas, inconstâncias, incompletudes, recuos, fragmentações, imperfeições, perdas, caos. Há tentativas, buscas, experimentos, esforços, recomeços, avanços, continuidades, aproximações, organizações em torno da construção de algo comum a todos.

Ao trazer a literatura na introdução de um texto de natureza mais acadêmica, somos tocadas pela beleza da representação metafórica da vida, das relações do homem consigo mesmo, com o(s) outros(s), com o mundo. Mas também somos impelidas a pensar na apreensão de sentidos possíveis de serem construídos no jogo da linguagem, que nele se jogam e que nele se sustentam (BOURDIEU, 2002), movidos que são os homens ao buscar compreender o desconhecido, o complexo. Um movimento próprio de toda e qualquer pesquisa em busca da compreensão e da produção do conhecimento na e pela linguagem.

### **Estado da arte: construção e constituição de um campo científico**

Podemos dizer que os estudos reconhecidos como do “estado da arte” têm emergido e crescido em volume e diversidade, constituindo um campo de conhecimento, produzido por diferentes pesquisadores, em diferentes instituições, ao longo do tempo, sobre determinada

temática. Entendemos um campo como um espaço demarcado pelos sujeitos (pesquisadores que ocupam posições em determinadas instituições) que, em comum, definem um universo de problemas e questões, suas fontes documentais e referências teóricas e metodológicas, suas intenções e práticas investigativas, suas marcas discursivas, reconhecendo-se em torno de um mesmo objeto de pesquisa. Consideramos ser este um campo (simbólico), orientado por interesses específicos (científicos), defensáveis e validados pelos sujeitos nele situados e que com ele interagem, em meio às lutas e concorrências no cenário acadêmico, cultural e político (BOURDIEU, 1996, p. 61).

Assim, as pesquisas denominadas *estado da arte* podem ser atualmente reconhecidas como pertencentes a um campo de conhecimento. No artigo intitulado *El estado del arte: una metodología de investigación*, Vargas, Higueta e Muñoz (2015) expõem as diferentes formas e usos que caracterizam essa metodologia de investigação em si mesma, propondo um desenho qualitativo e interpretativo sobre ela. Esses autores, em levantamento bibliográfico realizado localizaram 188 trabalhos de graduação e de pós-graduação de diversas áreas de conhecimento, como Serviço Social, Psicologia, Direito e Engenharia. Em outro resultado de uma primeira consulta feita em diferentes bancos de dados, eles reúnem 835 documentos compostos de artigos de revistas, trabalhos de investigação, livros, pesquisas de graduação e de pós-graduação, entre outros, constatando que o estado da arte tem evidenciado a necessidade de unificar critérios nos processos de investigações qualitativas, entre outros.

Em uma breve consulta à Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD), identificamos também um conjunto significativo de 168 de trabalhos que trazem em seus títulos a expressão “estado da arte”, além de mais 40 pesquisas com “estado do conhecimento”<sup>2</sup>, defendidas no período de 1982 a 2020.<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Nesse momento fizemos uma busca tanto pelos trabalhos nomeados como “estado da arte” quanto “estado do conhecimento”, considerando que alguns pesquisadores já utilizaram estas expressões como sinônimas ao se referirem a um mesmo tipo de metodologia de pesquisa. (FERREIRA, 1999; 2001; SOARES, 1989; ANDRÉ e ROMANOWSKI, 1999).

<sup>3</sup> Apesar do período longo que abarca as datas de defesas do trabalho, foi possível identificar a ausência de vários outros trabalhos identificados como do estado da arte ou do conhecimento, porém eles não trazem essa expressão em seu título, como por exemplo: FERREIRA (1999); FIORANTINI (1994), para citar apenas dois muito conhecidos por mim e que são apontados como referências em outros trabalhos, o que revela a limitação de acesso e identificação às pesquisas em sua totalidade.

Em outra busca realizada no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES/CNPq<sup>4</sup>, utilizando as mesmas palavras entre aspas no espaço de busca, localizamos 5.312 trabalhos “estado da arte” e 389 como “estado do conhecimento”, registrados desde 1983 e atualizados anualmente nesse banco de dados.<sup>5</sup> Ainda, que seja importante refinar essas buscas com a leitura de, ao menos, todos os títulos e resumos, o que queremos ressaltar aqui é a identificação, em território nacional, de um conjunto significativo de pesquisas constituindo um campo recente e relativamente autônomo, dotado de uma história própria (BOURDIEU, 1992), possível de ser inquerido em sua nomeação, configuração teórica e metodológica, em seu objeto de investigação, em suas fontes etc.

Um crescimento que revela o interesse pelas pesquisas denominadas *estado da arte*, mas também um aumento no número dos programas de pós-graduação distribuídos pelo país, aumento este intensificado a partir dos anos 2000, além de outras ações ligadas à pesquisa, como construção de novos bancos de dados, avanços tecnológicos para divulgação dos trabalhos à comunidade científica e outras iniciativas deste tipo.

É possível pensarmos que este campo se constituiu rapidamente e foi se fortalecendo à medida que os pesquisadores demonstraram um interesse em

mapear e discutir uma certa produção acadêmica em diferentes áreas do conhecimento, tentando responder que aspectos e dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado, publicações em periódicos e comunicações em anais de congressos e de seminários, entre outros. Também são reconhecidas por realizarem uma

---

<sup>4</sup> Sem aspas, a quantidade é de mais de 15 mil trabalhos, o que exigiria um rigor e um apuro na leitura de todos os títulos para incluir ou excluir aqueles que não se enquadrariam nos estudos da arte. <https://catalogodeteses.capes.gov.br/>, acesso em 29 maio 2021.

<sup>5</sup> Além do descritor – título, fizemos uma nova busca selecionando apenas “assunto” com as expressões marcadas pelo uso das aspas: “estado da arte” ou “estado do conhecimento”. Localizamos, então, 122 e 31 trabalhos, o que indicia uma quantidade um pouco menor do que aquela encontrada na nossa busca por título. Por outro lado, as mesmas expressões digitadas sem aspas, no campo de busca, pelo descritor “título”, nos levaram para um total de 5722 trabalhos. Tal volume ainda que não analisado com rigor, nos levou a perceber que os termos de busca remeteram a outros significados possíveis dentro do campo semântico e não às pesquisas que investigávamos. Um exemplo pode ser a tese de doutorado intitulada “A pop arte analisada através das representações dos Estados Unidos e do Brasil na IX Bienal Internacional em SP, em 1987”, que fez parte do levantamento por ter em seu título a palavra “arte”. Disponível em <https://bdtd.ibict.br>, acesso em 30 maio 2021.

metodologia de caráter inventariante e descritivo da produção acadêmica e científica sobre o tema que busca investigar, à luz de categorias e facetas que se caracterizam enquanto tais em cada trabalho e no conjunto deles, sob os quais o fenômeno passa a ser analisado. (FERREIRA, 2002, p.258).

Para Montoya (2005), trata-se do reconhecimento de um tipo de investigação com um conceito relativamente novo, pois os primeiros trabalhos na América Latina, especialmente nas áreas das ciências humanas, datam do início dos anos 80 do século XX.

É preciso considerar que, nas décadas de setenta e oitenta, vários países latinos ainda estavam submetidos às ditaduras militares, com um severo controle político de abafamento das pautas progressistas ligadas ao pensamento mais identificado com a esquerda, em meio às instabilidades inflacionárias e cambiais, aos déficits fiscais, com pacotes econômicos que pouco contribuíam para dirimir a desigualdade social da população.

É preciso considerar também que alguns desses países da América Latina conseguiram, a partir da segunda metade dos anos 70, pressionar por uma redemocratização, encerrando, por exemplo, as ditaduras militares brasileira e argentina e iniciando um ciclo de debates, reformas sociais e educacionais para reorganização da sociedade.

No caso do Brasil, no final da década de 70 a frustração da população com o “milagre brasileiro”, o achatamento salarial, a concentração de riqueza, a aceleração da inflação, a emergência de uma crise do capitalismo, o desgaste da imagem do governo ditatorial, tanto em nível nacional quanto internacional (FERREIRA, 2001) aceleraram uma reorganização da sociedade. Entre vários fenômenos sociais e políticos que ganharam força nos anos 80, destacamos: a (re)articulação dos movimentos operários, estudantis, profissionais e políticos, formação de sindicatos e associações de profissionais e científicas, participação de uma imprensa “livre” e combativa, criação de periódicos e eventos científicos nacionais, construção de um discurso coletivo em defesa de uma escola e saúde públicas de qualidade para toda a população, em situação marcada pela desigualdade econômica e social (FERREIRA, 2001, p. 71).

Por outro lado, segundo vários pesquisadores (OLIVEIRA, 1995; SIMON, 1996; MEGID, 1999, entre outros), na segunda metade dos anos 70, várias ações ligadas aos programas de pós-graduação foram implementadas pela Coordenação de Aperfeiçoamento do Pessoal de Nível Superior (CAPES) com a intenção de organizar, implantar, acompanhar e

avaliar os programas de capacitação docente por meio de decretos e regulamentações. Essas orientações indicavam uma adequação quantitativa e qualitativa dos quadros de docentes, qualificando-os pela titulação e incentivando a formação de pesquisadores em cursos *stricto sensu* e *lato sensu*. [OLIVEIRA, 1995].

Foram iniciativas que pouco contribuíram para modificar um sistema de pesquisa estagnado numericamente e com poucos recursos financeiros para a melhoria de suas condições físicas, aquisição de equipamentos e para a ampliação quantitativa do corpo profissional, entre outros, mas que, de certa maneira, apontaram para a possibilidade de construção de um lugar de produção científica nacional, marcado pela consolidação e institucionalização dos programas existentes, pelas primeiras tentativas de parceria entre as universidades e os centros de pesquisa, pela valorização do intercâmbio das atividades de pesquisa com o setor produtivo (para ampliar a captação de recursos) e com outros níveis do sistema educacional, através de verbas públicas. Assim, no início da década de 80, paradoxalmente, encontramos uma pós-graduação nacional mais fortalecida como comunidade científica: um aumento quantitativo na titulação dos pesquisadores, que quase quadruplica em relação às décadas de 60 e 70 (MARCUSCHI, 1996), um crescimento de pesquisas em diversos campos de conhecimento e, especificamente nas ciências humanas, uma orientação científica menos técnica e mais comprometida com os problemas sociais e políticos do país do que a da década anterior.<sup>6</sup>

Segundo Patiño (2016, p. 167), na América Latina em geral, nas décadas de 70 e 80 um forte pensamento sociopolítico colaborou e incentivou ações de diferentes instituições governamentais, muitas vezes concretizadas em projetos comuns entre países, como: Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO); Comissão Econômica para América Latina e o Caribe (CEPAL); Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento e Desenvolvimento (PNUD); além da Rede Latino Americana de Informação e Documentação em Educação (REDUC), entre outras.

Este cenário favoreceu pesquisadores, centros de investigação e universidades para desenvolver trabalhos mais coletivos na tentativa de conhecer e discutir as condições e os resultados da produção acadêmica nos países, especialmente no campo das ciências humanas, campo este intencionalmente enfraquecido em muitos aspectos, sob o controle e opressão de

---

<sup>6</sup> Pouco conheço e pouco investiguei sobre a produção acadêmica mais ligada às ciências médicas ou exatas. Portanto, neste texto, minhas considerações e exemplificações estão restritas à visão das ciências humanas, principalmente à área da Educação.

ditaduras (militares). Lembramos que muitos professores e pesquisadores foram exilados, que havia um incentivo a temáticas de interesse dos grupos de direita e que os recursos eram poucos para o campo da pesquisa em geral. Questões começaram a ser postas com a intenção de conhecer e mapear o terreno lavrado pelas pesquisas, como por exemplo: quais objetos de estudo e que marcos teóricos e metodológicos orientaram os trabalhos nas décadas anteriores? Qual a produção científica já constituída que poderia orientar os rumos das políticas públicas para beneficiar a população em geral, em questões como a situação escolar e sanitária do país, por exemplo? Quantos somos, onde e o que nos interessa do ponto de vista da investigação em determinada temática?

Para Patiño (2016), citando Jiménez (2009), a necessidade de estabelecer os primeiros estados atuais e as pesquisas institucionais no México ganha visibilidade no Primeiro Congresso Nacional de Investigação Educativa, sob o incentivo do Conselho Nacional de Ciência e Tecnologia. Também, segundo a autora, nos anos 80, na Colômbia, o estado da arte como modalidade investigativa se estabeleceu pelos balanços historiográficos, demográficos e econômicos. Muitas dessas investigações estiveram associadas ao esforço de fundamentar ou justificar novos estudos e novas pesquisas sobre determinado tema, mas com a intenção de fomentar políticas e alternativas de ação para o desenvolvimento social dos países, onde os trabalhos tiveram origem.

Deste modo, parece plausível pensar que os estudos denominados *estados da arte*, principalmente nas ciências humanas (em nosso caso, no campo da Educação) buscaram colaborar para o conhecimento e análise sobre uma determinada temática, a social, construindo um balanço ou um mapeamento que ultrapassou as questões locais, encaminhando-se para um desenho em âmbito nacional<sup>7</sup>, procurando contribuir para a implementação de políticas públicas que favorecessem o desenvolvimento do país.

Para Ferreira (2001), os primeiros trabalhos do tipo *estado da arte* em nosso país podem ser localizados no final dos anos 80, sendo muito deles financiados por instituições nacionais e/ou em parceria com as da América Latina, trazendo preocupações de relevância social e

---

<sup>7</sup> Sabemos que nos anos 80, nos estudos no campo das ciências humanas outras metodologias científicas também ganharam força, colocando em xeque a tradição do cientificismo e da neutralidade. São as investigações de caráter mais qualitativo, como “estudo de caso”, “pesquisa participante” e de “intervenção”, o que significa uma investigação com um olhar mais próximo do pesquisador e de cunho vertical para análise do fenômeno (LÜDKE e ANDRÉ, 1986). O *estado da arte* insere-se, de certa forma, nesta construção de novas metodologias que emergem a partir dos anos 70 e, como qualquer outra delas, também se enraíza no cenário político cultural da América Latina, preocupado com temáticas de impacto social.



política para nosso país: *Evasão e repetência no Brasil: a escola em questão* (BRANDÃO, 1983); *Avaliação de estudos de pesquisas sobre profissionalização do ensino do segundo grau no Brasil – 1971-1982* (BEDRAN e outros, 1983); *O ensino supletivo no Brasil: o estado da arte* (HADDAD, 1987); *Alfabetização no Brasil - o estado do conhecimento* (SOARES, 1989) e *O estado da arte do livro didático no Brasil*, (FREITAG, B, MOTTA, V.R; COSTA, W.F, 1987). Esses três últimos trabalhos foram financiados pelo INEP/MEC/REDUC e enquadraram-se, a título de exemplificação, no cenário latino-americano, até então, discutido por Patiño (2015).<sup>8</sup>

As pesquisas do “estado da arte” parecem estar circunscritas também ao cenário que Patiño (2016) denominou como a “mirada positivista para a construtivista” que orientou os estudos produzidos a partir dos anos 70, especialmente nas ciências humanas. Sob séculos estivemos sob o domínio de uma visão de ciência calcada na razão, verdade, neutralidade e objetividade - que pode ser acessada por categorias opostas e dicotômicas (corpo e mente; inteligível e sensível; parte e todo; sujeito e objeto etc.), rigorosamente quantificáveis e observáveis na regularidade, constância e repetitividade dos fenômenos por um método científico.

Em meados dos anos 80, as concepções de linguagem são postas em xeque como espelho da realidade, como expressão de um pensamento individual, passando a ser defendida como uma forma de ação interindividual, um processo de interlocução que se realiza em diferentes atividades humanas, sob determinadas condições de produção (BAKHTIN, 1997). A prática na e pela linguagem produz modos de apreciação do mundo que embora aspirem à universalidade fundada na razão, são marcados (em tensão) pelos interesses dos grupos que os produzem, pelos discursos proferidos por sujeitos em determinadas posições interlocutivas e sociais, em diferentes lugares e momentos da história (CHARTIER, 1996, 2004). Como seres humanos produzem sentidos para aquilo que veem e interpretam como real? Como constroem

---

<sup>8</sup>Para FERREIRA (2001), a partir dos anos 90, no Brasil, esses pesquisadores serão orientadores de outros trabalhos ou inspirarão outras pesquisas, em nível de mestrado e doutorado, avolumando-se essa modalidade de investigação, como por exemplo: *O que sabemos sobre o livro didático para o ensino de ciências no Brasil*, (FRACALANZA, 1992); *Rumos da pesquisa brasileira em Educação Matemática: o caso da produção científica em cursos de pós - graduação* (FIORENTINI, 1994); *Tendências da pesquisa acadêmica sobre o ensino de ciências no nível fundamental* (MEGID, 1999); *Pesquisa em Leitura: um estudo dos resumos e dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas no Brasil, 1980 a 1995* (FERREIRA, 1999); *Estado da arte sobre formação de professores nas dissertações e teses dos programas de pós-graduação das universidades brasileiras, 1990 a 1996* (ANDRÉ e ROMANOWSKI) e *Estado da arte sobre a formação de professores nos trabalhos apresentados no GT 8 da Anped, 1990-1998* (BRZEZINSKI e GARRIDO, 1999).



um modo de compreensão do mundo? Estas são perguntas que colocam o objeto de pesquisa e o sujeito em interação na compreensão do conhecimento pela e na linguagem.

Nessa direção, para Patiño (2016), o exercício do pesquisador se converte em exercício hermenêutico, e as pesquisas do estado da arte são construídas pelas perguntas e problematizações que o pesquisador faz, interagindo com os textos de outros pesquisadores. De fato, segundo Ferreira (2002), no estado da arte as pesquisas reunidas em um conjunto pelo pesquisador podem ser lidas e compreendidas não uma a uma, isoladamente, ou apenas considerando-se suas oposições e semelhanças, mas pelo estabelecimento de relações construídas a partir de cada aspecto (subtemas), de cada trabalho em diálogo com outros que o antecedem e o sucedem, trazendo no interior de si mesmo vozes de outros enunciados (BAKHTIN, 1996). O estado da arte busca inventariar, fazer um balanço, descrever, mas o sujeito (pesquisador) opera com as informações e dados coletados, recorta e identifica, cruza e une fios, questiona e interpreta por um ponto de partida escolhido por ele, cria uma narrativa plausível e coerente, mutável e inacabada, buscando dar uma organicidade compreensível aos leitores.

### **Uma distinção de nomeação ou conceituação: estado da arte**

À medida que as pesquisas denominadas “estado da arte” se avolumaram na quantidade, regularidade e diversidade de temáticas de interesse dos pesquisadores, este tipo de investigação foi sendo reconhecido como distinto de outros, marcando um campo de investigação próprio e contribuindo com indícios importantes para diferentes campos do conhecimento. Sendo assim, sua nomeação, configuração teórica e metodológica, seu objeto de investigação e suas finalidades foram inquiridos naquilo que parecia consensual a princípio. Como nomear ou conceituar pesquisas que apontam em seus títulos a expressão “Estado da arte”? Como diferenciá-las, aproximá-las ou singularizá-las quando identificadas como “estado do conhecimento”, “levantamento bibliográfico”, “mapeamento da produção acadêmica”, “marco teórico”, entre outras? São apenas termos sinônimos usados entre os pesquisadores? São excludentes conceitualmente? Apresentam diferenças significativas para conceituações também distintas entre si?

Difícil adentrar nesta seara terminológica defendendo uma determinada expressão ou conceituação já construída e em uso para fins investigativos entre diferentes pesquisadores

estadunidenses, europeus ou latino-americanos, incluindo os brasileiros. Por isso, procurarei um caminho que corresponda ao rigor e coerência acadêmicos expressos pelos pesquisadores (ou por grupos de pesquisas) quanto a suas escolhas, posições, filiações teóricas e metodológicas diante da adoção de determinado termo ou nomeação.

Para Fiorantini, Passos e Lima (2016), por exemplo, o *mapeamento da pesquisa* não se confunde com o *estado da arte da pesquisa*, pois o primeiro faz referência a um processo sistemático de levantamento, identificação, localização e descrição de informações das pesquisas produzidas sobre uma área específica, situando-as em determinado tempo, espaço e campo de conhecimento. Trata-se de um estudo focado mais em um mapeamento descritivo do que em seus resultados, como é próprio das pesquisas do *estado da arte*.

Autores como Silva e Malfitano (2017), inclusive fazendo referências a outros estudos (PIZZANI, et al. 2012; LIMA E MIOTO, 2007), afirmam que a *pesquisa bibliográfica* funciona como uma forma sistematizada e organizada, que colabora na revisão contínua e constante do objeto de estudo, em um movimento dialético e de interlocução do pesquisador com as investigações já produzidas no campo de estudo. Constitui-se em um vigoroso instrumento que aponta para os temas pouco explorados e para a construção de hipóteses e problemas para outras investigações. Nesse sentido, a pesquisa bibliográfica teria como finalidade possibilitar novas problemáticas que se filiarão a alguns dos aspectos abordados pelo mapeamento bibliográfico, ou que se abririam a novas reflexões e conhecimentos ainda pouco explorados nele.<sup>9</sup>

Palacio, Granados, Villafañez (2016) apontam para uma concepção do estado da arte bem próxima daquilo que Silva e Malfitano (2017) definem como *levantamento bibliográfico*. Para eles, o *estado da arte* seria a primeira e a mais importante etapa para se começar uma nova investigação, para colaborar na formulação e justificativas da problemática que se quer pesquisar. O *estado da arte* oferece ao investigador uma referência sobre as formas como têm sido tratados os temas, os avanços, as lacunas, os erros e as tendências já conquistados sobre o conhecimento até determinado o momento. Um dispositivo que permite ao pesquisador um

---

<sup>9</sup> Entre essas distinções que tratamos aqui, tenho adotado em minhas orientações de trabalhos, a diferença entre o estado da arte e o “levantamento bibliográfico” (fortuna crítica). Este, geralmente, tem como intenção oferecer ao pesquisador um mapeamento do já produzido academicamente, de modo que ele possa pontuar e situar a originalidade e a possível contribuição de sua pesquisa para a produção do conhecimento sobre determinado objeto de estudo. O *estado da arte*, por sua vez, tem como objeto de estudo a própria produção acadêmica, gera novos dados e produz conhecimento sobre determinada temática. (FERREIRA, 2019).

conhecimento disciplinar temático, teórico e metodológico de um fenômeno com a finalidade de gerar a pesquisa a que se propôs o investigador, uma contribuição científica que pode produzir novas pesquisas e novas hipóteses de investigação sobre o que falta e o que é necessário fazer de forma crítica frente ao já produzido. O *estado da arte* seria então, inicialmente, um trabalho de caráter descritivo, de revisão, análise crítica e interpretação dos documentos localizados pelo pesquisador para orientar e fundamentar teoricamente a construção de sentidos sobre um determinado objeto.

Para Patiño (2016), o *estado da arte* é um conceito mais amplo e distinto daquele identificado como um *balanço ou uma revisão*, ou, ainda, uma *técnica documental*. Esses rastreiam não apenas os textos publicados, mas também as experiências investigativas que abordam o objeto de estudo em suas diferentes metodologias e referenciais teóricos. A *revisão*, *balanço* ou *técnica documental* podem ser consideradas uma fase bastante importante e básica para os estudos do *estado da arte* que nascem com a intenção de fazer um inventário das pesquisas de determinada região. Também para Patiño (2016), o estado da arte é distinto do *marco teórico* porque o primeiro alimenta o segundo, que esclarece e explica os conceitos para realizar a investigação.

Muito próximos dessa visão, estão também Palacio, Granados, Villafáñez (2016) sobre a conceituação de *marco teórico*. Como para Patiño (2016), o *marco teórico* seria uma explicitação da teoria (posições epistemológicas e disciplinares, categorias conceituais) em que se aplica o problema de investigação, orientando sua compreensão e análise para intervir nos problemas investigativos. Para eles, citando Vélez e Galeano (2002), o *estado da arte*, diferentemente, se volta para a busca e o conhecimento de pesquisas recentes, partindo da leitura e análise intra e inter-textual, em tempo e espaço delimitados, para traçar o conhecimento já produzido e necessário para o objeto de investigação do pesquisador.

Até aqui trouxemos denominações como *mapeamento da pesquisa*, *levantamento bibliográfico*, *um marco teórico*, uma *revisão documental* que podem ser considerados como pesquisas distintas ou como partes (etapas) de estudos do estado da arte, mas que com eles não se confundem e nem são sinônimos. Em comum, essas nomeações apontam para pesquisas que buscam conhecer, descrever, reunir, organizar, sistematizar e dar visibilidade à produção acadêmica (um todo) sobre uma determinada temática ou sobre um objeto de investigação. Encerradas em si mesmas como *mapeamento de pesquisas*, ou funcionando como um *marco*

*teórico* com a finalidade de estabelecer filiações teóricas e metodológicas no desenvolvimento de uma nova investigação, ou ainda como *levantamento bibliográfico* que permite o conhecimento dos avanços, lacunas e redundâncias possíveis de serem aprofundados e problematizados em novas pesquisas de outros pesquisadores, todas essas expressões não se confundem com o *estado da arte*. No entanto, ao trazer a expressão *estado do conhecimento*, a distinção não se sustenta. Com exceção das definições trazidas por Palácio, Granados e Villafañez (2016)<sup>10</sup>, a expressão *estado do conhecimento* parece ser a que mais se aproxima do *estado da arte*, conforme usos dos pesquisadores.

De fato, em breves consultas a bancos digitais, adotando como palavra-chave, por exemplo, a expressão *estado da arte* é comum recuperarmos um conjunto de trabalhos que traz também o *estado do conhecimento* como termo identificatório da pesquisa. Por outro lado, quando retomamos os primeiros trabalhos nacionais (re)conhecidos como de caráter inventariante de uma produção acadêmica, é bastante comum encontrarmos essas expressões como sinonímicas. Soares (1986; 2000), por exemplo, embora adote o termo *estado do conhecimento* para inventariar a produção acadêmica já constituída sobre a alfabetização, assim explica na introdução do seu relatório:

As pesquisas de caráter bibliográfico com o objetivo de inventariar e sistematizar a produção em determinada área do conhecimento (chamadas, usualmente, de **pesquisas do estado da arte**), são recentes, no Brasil, e são, sem dúvida, de grande importância, pois pesquisas desse tipo é que podem conduzir à plena compreensão do estado atingido pelo conhecimento a respeito de determinado tema, sua amplitude, tendências teóricas, vertentes metodológicas. (SOARES, 2000, p. 10). [grifo nosso].

<sup>10</sup> Segundo Palácio, Granados e Villafañez (2016), o *estado da arte* é conceitualmente diferente do *estado do conhecimento*. Para eles, o *estado do conhecimento* é uma análise sistemática e valorativa de um conhecimento e de sua produção, delineados em um determinado período de tempo. Essa análise “(...) possibilita identificar os objetos de estudo, seus referenciais conceituais, perspectivas teóricas e metodológicas, tendências e temáticas abordadas, suas ausências, seu impacto, condições de produção” (p. 32). Distingue-se do *estado da arte*, que reúne estudos dirigidos à formulação e justificativas específicas do problema de investigação do pesquisador em determinado trabalho.

Também Fiorentini (2016, s/p) assume que os estudos do *estado da arte* ou do *estado do conhecimento* são reconhecidos por envolverem grande número de trabalhos e por buscarem “(...) descrever aspectos ou tendências gerais da pesquisa em um determinado campo de conhecimento, destacando seus principais resultados e conclusões e fazendo um balanço-síntese do conhecimento produzido no campo”.

Ferreira (2002), Romanowski e Ens (2006), Muller (2015), Silvia e Malfitano (2017) que têm trabalhos publicados sobre *estado da arte*, utilizam muitas vezes as expressões *estado da arte* e *estado do conhecimento* como sinônimos, aproximando-os pelas suas intenções investigativas: mapear, desenhar, analisar os dados, construir categorizações e cruzamentos, divulgar e socializar a produção acadêmica organizada como um “todo” para uso da comunidade científica, entre outros.

De fato, essas duas nomeações são igualmente marcadas, pela palavra “estado” que se complementa ora com “do conhecimento”, ora com “da arte”. Usadas isoladamente ou como sinônimos têm, para esses pesquisadores, como objetivos comuns, principalmente (mas não só), o de conhecer e compreender o estado de uma produção científica, revelando, identificando e apontando lacunas, repetições, contradições e projeções no *corpus* analisado.

Assim, a expressão “estado” aponta para modo de (ser ou) **estar**, para uma **situação**, ou ainda, para uma **disposição** que pode ser registrada, descrita, enumerada e que é definida pelas suas próprias condições de produção ou caracterizada pelas formas, modos, propriedades, qualidades em que esse estado se apresenta “paralisado” em um determinado momento e constituído por um determinado “recorte”.<sup>11</sup>

Definir ou caracterizar esses estudos chamando-os de *estado da arte* ou *estado do conhecimento* nos leva a considerar que o substantivo “estado” remete a um determinado modo, momento, situação, lugar, registro que é suscetível de ser superado e constantemente atualizado, organizado e configurado, desde que mudadas as condições que o geraram e o produziram. A cada nova pesquisa localizada e a cada combinação possível de ser criada entre os diferentes trabalhos, o estado ganha nova configuração, movimentado pelo processo ininterrupto da

---

<sup>11</sup> No Dicionário de Aurélio B. H. Ferreira (1975), a palavra *estado* traz, entre outros, os seguintes significados: 1. Modo de ser ou estar. 2. Situação ou disposição em que se acham as pessoas ou as coisas; (...) 6. Lista enumerativa, inventário, registro (ex: o estado dos bens, das despesas); (...) 15. Física: conjunto de valores das grandezas físicas de um sistema, necessário e suficiente para caracterizar univocamente a situação física deste sistema etc. (p. 575).

ciência, da disponibilização da produção à comunidade acadêmica e da capacidade de avançar em novos períodos, fontes, espaços institucionais, entre outros.

De qualquer forma, esta distinção mais ou menos tênue entre essas nomeações para este tipo de pesquisa ou o uso isolado ou sinonímico entre elas, não nos permitem eleger, com segurança, uma única expressão que remeta a sua especificação conceitual. A expressão *estado da arte*, por exemplo, parece imersa em diferentes referenciais e definições entre os pesquisadores que se debruçam sobre este tipo de investigação. O que podemos pensar até aqui é que a adoção da nomeação do *estado da arte* parece remeter às posições, interlocuções, filiações conceituais, teóricas e metodológicas dos autores pioneiros desses trabalhos, dos orientadores ou dos grupos de pesquisa, criando assim uma tradição no campo.

### **Estado da arte: investigação das investigações**

Especificamente quanto à expressão *estado da arte*, alguns autores reconhecem sua origem nos Estados Unidos, no final do século XIX. Para Patiño (2016), citando outros autores (Valdés, Fernández e Da Silva, 2005), a expressão “estado del arte” se liga inicialmente ao nome de *Status of the Art* (status da arte), o que significava a condição atual ou o nível alcançado por uma arte específica. No entanto, já no começo do século XX, o termo tornou-se conhecido como *State-of-the-art* (estado da arte) e que, com pequenas variações, chegou à definição nos dicionários de língua inglesa como: utilização de técnicas, métodos, materiais ou conhecimentos mais modernos e mais avançados, apresentando-se como o estágio mais recente do desenvolvimento de um produto, um dispositivo tecnológico apresentado e patentado, acolhido como tecnologia de ponta. (PATIÑO, 2016, p. 8). Depois disso, segundo Patiño (2016), o termo teve seu uso ampliado em diferentes estudos disciplinares, deslocando-se para várias áreas de conhecimento, tal qual o conhecemos atualmente. (PATIÑO, 2016, p.167).

As pesquisas do *estado da arte*, compreendidas como pertencentes a um campo de investigação, podem ser investigadas por três significativas tendências, conforme MONOTYA (2005): 1) como proposta hermenêutica do conhecimento e da realidade social, uma ferramenta para o reconhecimento e interpretação da realidade; 2) como uma modalidade de investigação da investigação, uma proposta metodológica de natureza documental e qualitativa; 3) um estudo prévio e sistemático no processo de construção do conhecimento, que colabora para a tomada de decisões na área que o pesquisador se propõe a investigar.

Também Gomez, Higueta e Muñoz (2015) identificaram na análise de uma amostra documental com pesquisas do *estado da arte*, três predominâncias, conforme as intenções propostas pelos pesquisadores nos trabalhos: 1) recuperar para descrever; 2) recuperar para compreender; 3) recuperar para transcender reflexivamente. Na primeira, trata-se de “recuperar para descrever” e apresentar, de forma detalhada, sistemática e consistente, balanços bibliográficos. A segunda tendência busca a “compreensão e a reflexão crítica” dos documentos, em que a hermenêutica serve de guia e fundamentação para compreender a construção histórica e não o seu resultado. E, por último, “recuperar para transcender” evidencia a capacidade de interpretação reflexiva, avançando e articulando aquilo que foi rastreado, registrado, sistematizado com novos conhecimentos, transcendendo o conhecido catalogado e propondo uma compreensão crítica e rigorosa.

Para Patiño (2016), no artigo intitulado *O estado da arte na investigação: análise dos conhecimentos acumulados ou indagação para novos caminhos?* o estado da arte não pode ser considerado apenas uma ferramenta técnica para construir o mapeamento e análise do conhecimento acumulado de uma determinada área ou temática. Ele é uma investigação documental - investigação das investigações - construída sob um olhar hermenêutico e crítico sobre um objeto de estudo, que colabora na compreensão de novos contextos geradores de investigação, que aponta tendências ou enfoques em âmbitos distintos de estudo (político, epistemológico, metodológico, conhecimento). Segundo Patiño (2016), uma aproximação conceitual aos estados da arte permite entendê-los como:

investigação documental, como construção e apropriação do conhecimento; como revisão das propostas investigativas e seus produtos e o desenvolvimento teórico, investigativo e social de um fenômeno; uma investigação documental que tem um desenvolvimento próprio, cuja finalidade é dar conta de construções de sentido sobre bases de dados. (p. 169).

Em síntese, para Patiño (2016) são três aproximações conceituais do estado da arte: “La primera se define como una investigación documental, la segunda como una revisión de propuestas investigativas y la última como una investigación con finalidades de construcción de sentido”. (p. 168)



É nessa direção, que também nos colocamos em relação às pesquisas denominadas estado da arte, assumindo, inclusive, a expressão de Patiño (2016): “investigação das investigações” (p.168). Mais do que um tipo de metodologia ou técnica para recuperar/descrever/interpretar um conhecimento ou, ainda, uma etapa importante que orienta marcos teóricos e que constrói horizontes para uma nova pesquisa, *o estado da arte* é uma investigação que tem objeto de estudo específico (a própria produção científica sobre determinada temática); referencial teórico (do campo *estado da arte* ou *estado do conhecimento*); interlocutores de campos multidisciplinares; metodologia (inventariante, descritiva e interpretativa; quantitativa e qualitativa; documental e bibliográfica; hermenêutica); procedimentos metodológicos (passos<sup>12</sup> que se diversificam conforme objetivos bem definidos e etapas da pesquisa, identificação e registro sistemático das fontes, unificação de critérios de busca, apresentação dos dados em tabelas, quadros, gráficos e construção de um *corpus* de trabalho); rigor analítico interpretativo que pressupõe interrogações, organizações, cruzamentos; explicitações, entrecruzamento de ideias conceituais com as informações ou observações obtidas pelo investigador; produção de resultados e conclusões. Enfim, uma investigação que tomando como objeto as pesquisas acadêmicas produzidas sob determinadas temáticas, tem como finalidade produzir (novo) conhecimento e novos campos teóricos e metodológicos. Apresenta de forma coerente e fundamentada um saber produzido na própria investigação que se propôs a fazer sobre um determinado objeto de estudo. Um saber produzido no diálogo do pesquisador com o próprio objeto, ligado à situação concreta e enraizado nas condições de produção que o geraram e o constituem como tal.

Nesse caso, o mapeamento ou a análise interpretativa que constituem os estudos do *estado da arte/do conhecimento* sobre uma determinada temática não são apenas etapas para a produção de novas pesquisas ou uma topografia para identificação da originalidade e da possível contribuição na realização de um trabalho, tampouco uma construção sistemática e prévia teórica e conceitual sobre o objeto que se quer conhecer. Para nós, o *estado da arte* não pode ser definido apenas como modalidade de investigação da investigação, nem como apenas construção sistemática e prévia do conhecimento para a tomada de decisões na área que o pesquisador se propõe a investigar; nem ainda como uma proposta hermenêutica de

---

<sup>12</sup> Silva e Malfitano (2017) traz um estudo que busca descrever, com rigor, os caminhos metodológicos, inclusive os passos percorridos em diferentes etapas de sua pesquisa. Romanowski e Ens (2006) também expõem, em artigo, a metodologia de trabalho para desenvolver, de forma sistemática e consistente, pesquisas do “estado da arte”.

interpretação da realidade (MONOTYA, 2005); ou, ainda, uma pesquisa documental com a intenção de recuperar para descrever, recuperar para compreender, recuperar para transcender reflexivamente (GOMEZ, HIGUITA, MUÑOZ, 2015).

Tudo isso, de certa forma, caracteriza, sim, o *estado da arte* e de certa forma delinea as posições, os interlocutores, as adoções e os caminhos que orientam e constituem este campo. Mas não são suficientes, se os estudos do *estado da arte* não forem construídos a partir de uma interrogação sobre seu próprio objeto, potencializando novos interesses investigativos, no próprio campo em que ele se situa. Se a investigação não implicar uma operação científica, com sua problemática, seus procedimentos, seus critérios, seus modos de compreensão como prática de produção de sentidos.

A identificação de um conjunto de trabalhos, assim como o seu mapeamento organizado e disposto de forma plausível à comunidade científica é, ele próprio, o objeto de estudo do *estado da arte*. Ele é garimpado em diferentes fontes e bancos de dados e exige inúmeras operações e procedimentos metodológicos como, por exemplo: inventariar, identificar, explicitar e organizar dados e informações; ler para interrogá-los; inquirir pelos seus pontos menos explorados; criar categorias/focos/ temas, aproximando sentidos dispersos ou comuns entre eles; descartar ou valorizar repetições, contradições, incoerências que emergem de outras formas e em outros lugares; preencher lacunas no tempo e no espaço para construir uma história; recortar e inserir documentos em outro texto e em uma outra combinação; produzir a compreensão sobre a problemática em questão etc. Nessas operações, se pergunta aos documentos por este “estado”, no tempo e no espaço delimitados. Como se constitui esta configuração, na tradição e na continuidade, em movimentos de ruptura e com saltos? O que se soma ou se multiplica, o que diminui ou desaparece, o que se diversifica ou se transforma, alterando os sujeitos e as forças envolvidos, os locais e o período de produção, os interesses investigativos? (FERREIRA, 1999; 2001).

Assim, o objeto de estudo – a produção acadêmica – não é fonte de pesquisa para se alcançar ou para delinear apenas um “estado”, ele é inquirido pelo que pode nos apontar como ainda não conhecido nem estudado e, portanto, possível de ser narrado por um discurso tecido por um pesquisador ou por um grupo deles. Uma prática discursiva operada com rigor por um investigador na elaboração do (seu) ponto de vista, cerceado pelas exigências das “leis” do meio acadêmico, que funcionam como uma “polícia de trabalho” (CERTEAU, 2002, p. 72) para

aquilo que é chamado de produção de conhecimento científico, produção esta organizada por uma narrativa plausível e coerente elaborada por aquele que estuda tal conhecimento. Um trabalho de refacção de sentidos pleno de ressonância dialógica, sentidos estes possíveis de serem interpretados com base em cada um dos documentos e no todo que eles formam, em uma rede tecida por vários pontos que se cruzam e se fortalecem (FERREIRA, 1999, 2001).

Desde modo, a opção do pesquisador por fontes de consulta e de busca ou pelos documentos que ele seleciona também não caracteriza em si os estudos do *estado da arte*. É possível um *estado da arte* eleger como fontes os resumos das pesquisas (FERREIRA, 1999, 2001) ou, então, os trabalhos integrais (FIORANTINI, 1994); MEGID, 1999). De um outro modo, estudos do *estado da arte* não se definem na delimitação pelo tipo de material que eles abarcam, decidindo-se apenas pelas dissertações de mestrado e teses de doutorado e/ou também por artigos científicos, trabalhos de conclusão de curso, ou ainda pelas produções em congressos na área, publicações em periódicos e em livros etc. Ou, então, pelo volume e extensão das fontes em que os trabalhos foram gerados: uma associação de pesquisadores da educação, um banco de dados de periódicos indexados, instituições públicas federais, estaduais ou municipais, por exemplo.

Todos esses pontos fazem parte do *estado da arte* por uma explicitação rigorosa de suas opções teóricas e metodológicas. Mas, atentando-se ao discurso e à sua fabricação (CERTEAU, 2002; BAKHTIN, 1992), o *estado da arte* produz uma visão da produção acadêmica enraizada nessa própria ação (o fazer) e no cenário circunscrito por elaborações próprias e pelos limites de cada um e no conjunto de documentos, com o intuito de organizar e propor (novas) questões e compreensões científicas, em uma rede de conflitos, de jogos de forças e tensões. Assim, o *estado da arte* se refere a um fazer que não é apenas o seu fazer, mas a construção de uma história da produção acadêmica que pode gerar possíveis e novas histórias, novas inteligibilidades a respeito daquilo que nos propusemos a investigar. Para Certeau (2002, p. 78), “fazer história é uma prática. A história começaria com a interpretação. Cada sociedade se pensa historicamente com os instrumentos que lhes são próprios. É nesta fronteira mutável, entre o dado e o criado, e finalmente entre a natureza e a cultura, que ocorre a pesquisa.”

### Estado da arte: o desafio *babelístico*

Abarcar toda a produção acadêmica de uma área organizando-a como uma “biblioteca” possível de ser acessada, interrogada e compreendida em suas diferentes dimensões e combinações, com o intuito de gerar um novo conhecimento sobre ela própria, tem sido encarado como próprio do *estado da arte*.

É um fazer marcado por dificuldades, limitações e perdas, porque esbarra na impossibilidade de reunir o todo e o tudo. O *estado da arte* sobre leitura (FERREIRA, 1999), por exemplo, englobaria todo o conhecimento acadêmico já produzido no período de 1980-1995? Nas áreas da educação, letras/linguística, comunicação, história, psicologia, biblioteconomia? Nas universidades públicas e particulares? Nas dissertações de mestrado e teses de doutorado? No Brasil? Na América Latina? Nas Américas? No mundo ocidental? No site *libraryofbabel*?<sup>13</sup> Não. Porque a visão do todo ou da parte depende daquele momento e lugar de onde se coloca o observador/pesquisador, ou, como já disse Gregório de Matos: “O todo sem a parte não é todo,/ a parte sem o todo não é parte,/ mas se a parte o faz todo, sendo parte,/ não se diga, que é parte, sendo todo”<sup>14</sup>. E, cada parte que nos liga ao todo, é também um todo independente, “(...) produto de uma tensão construída na continuidade e na ruptura com o trabalho que lhe dá origem, numa relação dialética entre os gêneros, entre as condições de sua produção e práticas discursivas” (FERREIRA, 2002, p. 270).

É um fazer marcado por descobertas, achados, categorias, facetas e nuances que permite a construção desta “biblioteca”, seu inventário, suas formas de acesso, de ordenação, de separação, as condições de sua produção (que, onde, quando, por que, como, para que, o que), suas lacunas e redundâncias, suas interrogações: um estado da produção acadêmica sobre determinada temática ou área.

No *estado da arte*, a produção acadêmica inventariada e problematizada sempre será aquela que o pesquisador, sob seu ponto de vista, conseguiu separar, recortar, copiar, reunir

<sup>13</sup> O site *Liberaryofbabel*, info criado por Jonathan Basile é uma representação virtual da ideia de Borges sobre a biblioteca de Babel. FONTE: VERAS, Leonardo. *Este site contém tudo o que já foi e será escrito pela humanidade*. Revista **Exame.com**. 25 de maio 2015. Disponível: 05 de julho de 2021.

<sup>14</sup> Agradeço a Kellen F. Wiginescki de Barros que me apresentou esta primeira estrofe do poema *Ao braço do mesmo Menino Jesus quando apareceu*, de Gregório Matos, como epígrafe em um capítulo de sua tese de doutorado, intitulada “Estado da arte: a pesquisa sobre leitura literária e o jovem leitor no Brasil (2000-2019)”, na versão para o exame de qualificação, em 25/03/2021, orientação da Profa. Dra. Alice Marta, UFMaringá, PR, 2021.

nomear, classificar, ordenar, propondo uma “biblioteca” formada por um conjunto de documentos (partes) que pode ser organizada e operada por intersecção, ajuntamento, de semelhanças e diferenças e interpretada pelo seu todo. Implica gestos que consistem em isolar um corpo, mudando seu lugar e o seu estatuto (CERTEAU, 1994), transformando-o e construindo com ele um conjunto tornado inteligível, coerente e possível de ser compreendido. Fabrica-se um todo e produz-se sobre ele uma história situada em uma cadeia de comunicação verbal da esfera acadêmica (BAKHTIN, 1997), em que cada documento é lido como trazendo “(...) no interior de si mesmo vozes de outros enunciados” (...) que se cruzam, que se rompem, que se unem, que se questionam, que se interpelam, dependendo do ponto que se estabelece como partida (...)” (FERREIRA, 2002, p. 270) para a investigação teórica, metodológica, temática, temporal, topográfica etc. sobre determinada área de conhecimento, de um certo tempo e lugar e produzida por uma comunidade de pesquisadores.

Um *estado da arte* pode ser visto, deste modo, como uma biblioteca (des)arrumada nas inúmeras combinações que são postas a ela por um determinado pesquisador, naquele momento, naquela situação, com algumas operações e intenções específicas. Uma biblioteca que, de certa forma, tem uma movimentação ininterrupta e um sentido de incompletude, pois a cada novo documento inventariado ou a cada interpretação proposta por um pesquisador, ela pode ganhar uma nova configuração no debate acadêmico. É o esforço hercúleo do homem de querer dar sentidos ao desconhecido e ao disperso para a compreensão de si mesmo, dos outros e do mundo. Como dissemos no início deste texto: um movimento próprio de todo e qualquer pesquisa em busca da compreensão e da produção do conhecimento na e pela linguagem.

## Referências

- ANDRÉ, Marli E. D. A. de; ROMANOWSKI, Joana P. *O tema formação de professores nas teses e dissertações brasileiras, 1990-1996*. In: PROGRAMA E RESUMOS da 22ª. *Reunião Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação*, ANPED, Caxambu, MG, 1999. [CD].
- ANDRÉ, Marli. *A pesquisa sobre formação de professores no Brasil, 1990-1998*. In: ANAIS do 10º Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, Rio de Janeiro, 2000.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

BEDRAN, et.al. *Avaliação de estudos de pesquisas sobre profissionalização do ensino do segundo grau no Brasil – 1971-1982*. Brasília: INEP/MEC, 1983.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BRANDÃO, Z et.al. *Evasão e repetência no Brasil: a escola em questão*. Rio de Janeiro: Achiamé, 1983.

CERTEAU, M. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

CHARTIER, R. *História Cultural – entre práticas e representações*. RJ, Bertrand, 1996.

CHARTIER, R. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. SP, Editora UNESP, 2004.

FERREIRA, Aurélio B.H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, RJ, Editora Nova Fronteira, 1975.

FERREIRA, Norma S. A. *Pesquisa em leitura: Um estudo dos resumos de dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas no Brasil, de 1980 a 1995*. Tese de doutorado, Faculdade de Educação da UNICAMP. Campinas, 1999.

\_\_\_\_\_. *A Pesquisa sobre Leitura no Brasil: 1980 – 1995*. Campinas, SP, Komedi: Arte Escrita, 2001.

\_\_\_\_\_. *As pesquisas denominadas estado da arte*. Educação & Sociedade, ano XXIII, nº 79, Agosto/2002, p. 257- 27

\_\_\_\_\_. *Leitura sobre leitura(s) na Revista Pró-Posições Pro-Posições*, Campinas, v.30, e20190106,201. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010373072019000100305&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010373072019000100305&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso: 16 dez. 2019.

FIORANTINI, D. *Rumos da pesquisa brasileira em educação matemática, o caso da produção científica em cursos de pós-graduação*. Campinas, SP, Faculdade de Educação, Unicamp, 1994, [Tese de Doutorado.]

\_\_\_\_\_. *Mapeamento, estado da arte e meta-análise da pesquisa sobre o professor que ensina matemática (PEM)*. Apresentação em power-point, dia 03/10/2016, Palestra PUC Campinas. Disponibilizado pelo próprio autor.

FRACALANZA, H. *O que sabemos sobre os livros didáticos para o ensino de ciências no Brasil*. Tese de doutorado, Faculdade de Educação da UNICAMP. Campinas, 1992.

FREITAG, B. et al. *O estado da arte do livro didático no Brasil*. INEP/MEC/Reduc, 1987.



- GÓMEZ, Vargas M., HIGUITA, Galeano C. y JARAMILLO Muñoz, D. A. (julio-diciembre, 2015). *El estado del arte: una metodología de investigación*. In: Revista Colombiana de Ciencias Sociales, vol. 6 (2), julio-diciembre 2015, p. 423-442. Acesso: 09 jun.2021.
- HADDAD, S. *O ensino supletivo no Brasil: o estado da arte*. Brasileira, INEP/MEC/REDC, 1987. Disponível: <http://dominiopublico.mec.gov.br/download/texto/me002519.pdf> Acesso: 20 jan.2021.
- LÜDKE, Menga, ANDRÉ, Marli. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.
- MEGID Neto, Jorge. *Tendências da pesquisa acadêmica sobre o ensino de ciências no nível fundamental*. Campinas, SP, Faculdade de Educação, Unicamp, 1999. [Tese de Doutorado].
- MONTOYA, Nancy P. M. *Herramientas para investigar ¿Qué es el estado del arte?* In: Ciencia y Tecnología para la salud Visual y Ocular ,Nº 5: Julio - diciembre 2005, p. 73-75. Acesso: 09 jun. 2021.
- MÜLLER, Tania. M. P. *As pesquisas sobre o “estado do conhecimento” em relação étnico-raciais*. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, Brasil, n. 62, p. 164-183, dez. 2015. Disponível: <https://doi.org/10.11606/issn2316-901X.v0i62p164-182>. Acesso: 03 mar. 2021.
- OLIVEIRA, F.B. *Pós- Graduação. Educação e mercado de trabalho*, Papirus. Campinas, SP, 1995
- PALACIO, OLGA L. L. ; GRANADOS, Luis F.M.; VILLAFÁÑEZ, Licy, C.C. *Guia para construir Estados da arte*. International Corporation of Networks of Knowledge – ICONK, Bogotá. Colombia, 2016. Disponível: <https://iconk.org/docs/guiaea.pdf> Acesso: 12 jun. 2021.
- PATIÑO, Ragnhild G. *El estado del arte en la investigación: ¿análisis de los conocimientos acumulados o indagación por nuevos sentidos?* Revista Folios, núm. 44, julio-diciembre, 2016, pp. 165-179 Universidad Pedagógica Nacional Bogotá, Colombia. Disponible en: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=345945922011> Acesso: 05 mar. 2021.
- ROMANOWSKI, Joana; TEODORA ENS, Romilda. *AS PESQUISAS DENOMINADAS DO TIPO “ESTADO DA ARTE” EM EDUCAÇÃO*. **Revista Diálogo Educacional**, [S.l.], v. 6, n. 19, p. p. 37-50, jul. 2006. ISSN 1981-416X. Disponível em: <https://periodicos.pucpr.br/index.php/dialogoeducacional/article/view/24176/22872>. Acesso: 09 jun. 2021.





SILVA, M.J.; MALFITANO, A. P. S. *Pesquisas bibliográficas nos moldes de “estado da arte”*. *Produção de conhecimento científico*. Revista Latinoamericana de Metodología de la Investigación Social, nO. 14, Año 7, Outubro 2017. Marzo 2018. Argentina, p. 40-50. Disponível: [http:// relmis.com.ar/ojs/index.php/relmis/article/view/50/54](http://relmis.com.ar/ojs/index.php/relmis/article/view/50/54). Acesso: 09. jun.2021.

SIMON, S. *O ensino superior no Brasil: a busca de alternativas*. IN: revista Educação Brasileira, Brasília, 18 (37), 2º.sem. 19996, p 11-45.

SOARES, M. *Alfabetização no Brasil – O Estado do conhecimento*. Brasília: INEP/MEC, 1989.

\_\_\_\_\_. *Alfabetização no Brasil: o estado do conhecimento* In MACIEL, Francisca Pereira. Disponível em: <http://www.mec.inep.gov.br>, 2000. Acesso: 20. Jan. 2021.